



## DO DESEMPREGO À PROCURA DE TRABALHO: NA BUSCA DE UM NOVO OBJETO

Priscila Pereira Faria Vieira  
(Cebrap/CEM)  
prifariavieira@yahoo.com.br

### 1. Apresentação

Ainda que o interesse acadêmico pelo tema do desemprego seja crescente, pouca atenção tem sido dedicada à questão da busca de ocupação. Tal perspectiva importa não apenas porque a existência da procura é a variável definidora da condição de desempregado, mas por se tratar de um objeto relevante que, conquanto pouco estudado, desvenda muito sobre o mundo do trabalho hoje. Essa comunicação é fruto de um estudo que pretende, por isso mesmo, argüir da pertinência sociológica de se tomar a procura de trabalho como um objeto em si. No esforço de avançar no entendimento desse objeto, tal pesquisa se dedicou a analisar a experiência da procura de trabalho. A relevância dessa abordagem pode ser argumentada tanto através da ausência de trabalhos desse tipo na produção acadêmica quanto pelas interessantes e importantes questões que ela permite analisar. Pretende-se chamar a atenção para a relevância do tema da procura de ocupação no campo temático das ciências sociais que se preocupa em analisar o trabalho e os fenômenos ligados a ele.

Através de revisão bibliográfica, o texto apresenta o objeto de interesse analítico, a procura de trabalho, destacando como um fenômeno socialmente tão relevante num contexto marcado pelo desemprego, pode ser tornado num problema de pesquisa, constituindo-se em um objeto pertinente por preencher lacunas analíticas que persistem na produção acadêmica da sociologia. Seguindo pistas de alguns poucos estudos que se dedicaram ao tema, seja no quadro da sociologia do desemprego, seja no âmbito da sociologia econômica, apresenta-se a perspectiva através da qual a procura de trabalho será aqui analisada, reforçando a pertinência em fazê-lo.

Por fim, além da revisão de literatura, a comunicação apresenta alguns achados analíticos da pesquisa empírica que partiu dessa reflexão<sup>1</sup>. Reiterando a pertinência do objeto, foi realizado um estudo qualitativo no principal e tradicional espaço de procura de trabalho da cidade de São Paulo para entender um pouco a experiência social da procura de trabalho e seus processos micro-sociológicos.

---

<sup>1</sup> Essa comunicação apresenta apenas alguns achados do trabalho. Para mais detalhes sobre a pesquisa ver VIEIRA (2009)



## **2. Do desemprego à procura de trabalho: revisitando a literatura**

Convém iniciar o artigo explicitando que ainda que o esforço aqui realizado seja o de argumentar em favor da procura de trabalho como um objeto em si, é inegável que ela é parte constitutiva do fenômeno do desemprego, tanto no que diz respeito às medidas e estatísticas, quanto no que diz respeito à vida dos desempregados. Assim, este será o ponto de partida na reflexão do capítulo.

Tradicionalmente o desemprego é definido como ausência temporária de trabalho que deve vir associada à procura regular de atividade ocupacional. É a procura de trabalho que normativa e administrativamente diferencia um trabalhador desempregado de uma pessoa inativa, constituindo-se, portanto, na variável fundamental da construção das taxas de desemprego e atividade. Por ser uma das variáveis definidoras da condição da situação de desemprego, a busca de ocupação já seria objeto analítico suficientemente relevante.

Entretanto, ainda que a procura de trabalho seja, via de regra, tratada apenas como dimensão constitutiva das medidas de desemprego, é preciso ressaltar que pode haver busca de emprego mesmo por parte de trabalhadores empregados. A procura de trabalho não está, assim, obrigatoriamente associada ao desemprego; pode também estar associada à busca de uma nova ocupação. Ou seja, independentemente da condição de desemprego ou de ocupação, ela constitui um processo social em si mesmo. Aquele que busca uma oportunidade ocupacional, seja ele desempregado ou não, é o demandante de trabalho.

Se a procura de ocupação supõe, na imensa maioria dos casos, a ausência de trabalho (ainda que, como vimos acima, também possa ser movida pelo desejo de encontrar um trabalho melhor), não é descabido começar a refletir sobre a mesma tomando a porta de entrada habitualmente empregada pela literatura no tratamento do tema, ou seja, o fenômeno do desemprego. Por aqui iniciaremos para chegar ao nosso objeto.

O desemprego passa a entrar na pauta do debate intelectual e governamental a partir do século XX, tornando-se uma questão social, de fato (Castel, 2005). Mesmo se configurando como “questão social”, até meados do século passado a questão do desemprego foi alvo quase



exclusivo da economia, envolta no clássico debate entre os neoclássicos e os keynesianos<sup>2</sup>. A partir de 1930, quando o modelo neoclássico pareceu esgotar-se e a explicação keynesiana ganhou espaço, o desemprego passa a ser visto como uma falha do sistema econômico e como um risco à coesão social, surgindo assim o reconhecimento da necessidade de medidas de intervenção nos mercados por parte dos governos. Após a crise de 1930, surgem as políticas de mercado de trabalho nos chamados países de economia desenvolvida. Essas políticas públicas de emprego se desenvolveram lentamente na esteira da concretização do Estado de Bem Estar<sup>3</sup>.

Porém, como Castel (2005) corretamente chama atenção, esse tipo de proteção ao desemprego baseou-se numa concepção de sociedade e de Estado que hoje estão, ambos, abalados. O desemprego, classicamente definido como uma situação transitória e ocasional nas trajetórias de trabalho tem se tornado um fenômeno inerente ao mercado de trabalho, especialmente quando emergem o desemprego de longa duração e o desemprego recorrente. Essas novas formas, por sua vez, dificultaram a continuidade da proteção social tal como antes talhada, pelo substancial aumento dos custos de financiamento de tais políticas. Desse modo, ao longo do século XX, o desemprego tornou-se um problema social e um desafio intelectual. E, na esteira desse movimento, ele adquire também status de questão sociológica.

Na sociologia, por um longo período, o trabalho se constituía no tema analiticamente relevante; o desemprego era então apenas um tema marginal. Nas últimas décadas, porém, as sociedades vêm experimentando, e de forma acentuada, um conjunto de mudanças no mercado e nas relações de trabalho. Entre as mudanças mais destacadas pela literatura sobressaem: o acentuado aumento dos níveis e da duração do desemprego, a flexibilização das relações contratuais de trabalho, o aumento da terceirização e da subcontratação, a diminuição dos postos de trabalho para o operariado industrial tradicional, o crescimento dos postos na área de serviços e o aumento da elasticidade da demanda de trabalho, efeito da globalização nos mercados de trabalho. (Offe, 1989; Demazière, 2006; Maruani e Reynaud, 1993; Freyssinet, 1984; Antunes, 1999; Guimarães, 2004; Singer, 2000; Castel, 2005; Rodrik, 1997; Dedecca, 1996; Baltar & Proni, 1996). Nesse mesmo período, houve um aumento significativo do interesse sociológico pelo tema do desemprego.

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre as duas tradições do pensamento econômico ver Amadeo & Dutt, 1994; Keynes, 1936; Mankiw, 1995.

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre as políticas públicas de emprego ver: Barbosa & Moretto, 1998; Cacciamali, 2005.



O mundo acadêmico (especialmente o europeu, onde a norma do trabalho estável e protegido e as políticas sociais para fazer face às incertezas foram certamente mais desenvolvidas) passou se debruçar crescentemente sobre o fenômeno do desemprego. Identificou-se uma nova configuração do fenômeno, que se caracterizaria não só por seu aumento de volume – do número de desempregados – mas também pelo aumento do tempo de duração de tal situação, o “desemprego de longa duração” (Demazière, 2006; Maruani e Reynaud, 1993). Além disso, identificou-se que a trajetória profissional dos indivíduos passava a estar marcada, com frequência cada vez maior, pela recorrência do desemprego (Freysinet, 1984; Guimarães, 2002). Assim, além de uma diversificação das modalidades de ocupação e de relações contratuais de trabalho, houve uma significativa ampliação do volume, da duração do desemprego, mas também das formas do desemprego. Este passa ser abordado não apenas como uma situação particular e transitória, mas como uma dimensão constitutiva do mercado. A importância da nova categoria social dos “desempregados de longa duração”, aliada à intensidade com que o desemprego se apresentava nas economias capitalistas, notadamente as européias continentais, até então mais caracterizadas pela proteção e regulação do trabalho, explicitou a ruptura donexo, antes “natural”, entre emprego e desemprego – o que constituía para aquelas sociedades uma grande novidade e um desafio<sup>4</sup>. Vale dizer, a saída do desemprego não se dava mais pela obtenção de um trabalho estável e protegido, mas abria caminho uma multiplicidade de formas de inserção e de utilização de trabalho. (Guimarães, 2002; Demazière, 1995).

O movimento que levaria do trabalho ao desemprego passou a ser crescentemente investigado. Na Europa, e especialmente na França, os autores se apropriam do desemprego como tema de pesquisa e como questão sociológica, reivindicando, inclusive, a pertinência de uma “sociologia do desemprego”. Para completar as abordagens estatísticas e fazer face ao tratamento econômico da questão, os sociólogos sublinhavam a importância de encarar o desafio de analisar a vivência do desemprego, incorporando à agenda intelectual do campo os estudos da dimensão do vivido com respeito a esse fenômeno.

---

<sup>4</sup> Abre-se, na Europa, um amplo debate sobre as políticas públicas de apoio ao desempregado, que naquele momento tendiam a restringir a cobertura e a duração dos benefícios com a crise do Estado de Bem Estar, o qual andava *pari passu* com o aumento da duração e a da recorrência do desemprego.



Desenvolveu-se, então, uma série de trabalhos<sup>5</sup>, em torno da experiência subjetiva e moral do desemprego, retomando experiências precursoras como o estudo realizado em Marienthal por Lazarsfeld, Yahoda e Zeizel (1981) na primeira metade do século XX. Como resultado desses estudos, vários autores têm ressaltado que essa série de transformações nas formas de trabalho determina uma profunda alteração nas formas de organização material e subjetiva da vida dos indivíduos que vendem ou têm a intenção de vender sua força de trabalho. Sabe-se, assim e com extensa literatura, que o desemprego implica mudanças na organização do cotidiano, na utilização do tempo, e que ele envolve sentimentos de injustiça, vergonha e estigmatização social, entre outros efeitos de natureza social, moral e subjetiva (Lazarsfeld, Yahoda e Zeizel, 1981; Ledrut, 1966; Demazière, 1995, 2003, 2006; Antunes, 1999; Demazière, Guimarães e Sugita, 2006, Sennett, 2003; Castel, 2005, Borges, 2006). Porém, vale ressaltar, à medida que cresceu o interesse pelo movimento que leva do trabalho ao desemprego, o movimento contrário, de retorno ao trabalho foi pouquíssimo explorado e menos ainda a experiência subjetiva e moral associada à procura de trabalho. A dimensão do vivido no que diz respeito à procura de trabalho foi negligenciada mesmo nas abordagens da sociologia do desemprego que buscavam investigar as vivências e experiências sociais.

Outro aspecto central a essa sociologia do desemprego, de inspiração francesa, é o argumento de que tal fenômeno deve ser visto pela ótica sociológica como constituído e delineado por características dos contextos sociais, institucionais e históricos, que dão sentido às formas subjetivas de (auto) reconhecimento. Assim, sabe-se que, enquanto categoria oficial, a condição de “desempregado” é uma classificação socialmente partilhada e, nesse sentido, o indivíduo desempregado é um ser que incorpora, (re) interpreta ou (re) constrói categorias e classificações, sintetizando símbolos e características específicas a diferentes comunidades ou contextos sociais. Ou seja, a significação – tanto institucional quanto subjetiva – do desemprego varia conforme os espaços nacionais e intra-nacionais e deve ser sociologicamente considerada. Esses estudos chamam a atenção para o fato que uma abordagem sociológica dessa questão deveria encarar que as fronteiras entre desemprego, atividade e inatividade são construções sociais específicas (Demazière, 1995, 2003, 2006; Guimarães, 2002, Guimarães, Hirata, Montagner & Sugita, 2004). A procura de trabalho é, como ressaltamos, fundamental ao

---

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre os variados tipos de tendências teóricas e metodológicas que seguiam esses trabalhos dedicados ao desemprego ver Demazière, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

delineamento das fronteiras entre desemprego e inatividade, mas, vale repetir, foi muito pouco explorada dentro dessa perspectiva que defende a pertinência de tomar as fronteiras entre situações no mercado de trabalho como construções sociais e subjetivas. Além disso, conquanto que tenha havido um significativo esforço de analisar sociologicamente a construção da categoria de desempregado, a categoria de demandante de trabalho só muito esporadicamente entrou na pauta desses debates.

O que se pretende ressaltar é que essa agenda de pesquisa internacional, mesmo ampliada, muito pouco se dedicou a enfrentar o movimento de saída do desemprego e os elementos analiticamente relevantes para o seu entendimento. Com efeito, se alguma literatura internacional, principalmente no âmbito da sociologia econômica, atentou para as formas de procura de trabalho, e em especial para o papel das redes sociais nesses processos (Granovetter, 1973, 1974), pouca atenção tem sido dedicada pela sociologia do trabalho ao estudo dos mecanismos acionados pelos indivíduos com vistas a obter uma nova ocupação e, menos ainda, à experiência da procura de trabalho. A importância de fazê-lo é inescapável quando levamos em conta esse recente debate internacional, antes referido, o qual tem apontado insistentemente para uma nova configuração do desemprego, especialmente nos países com experiências bem-sucedidas de proteção social institucionalizada, destacando, como expresso acima, o crescimento do desemprego de longa duração e a ampliação da recorrência de transições entre situações no mercado de trabalho (Demazière, 1995, 2006; Maruani e Reynaud, 1993; Freyssinet, 1984).

Além disso, a construção social e cognitiva, ou institucional e subjetiva, da figura do desempregado é indissociável da imagem da procura de trabalho, seja de um ponto de vista prático, seja de um ponto de vista analítico, já que é a procura o elemento chave a diferenciá-lo do inativo. Ainda mais, a procura representa um importante passo rumo à saída da situação de desemprego e, portanto, suas dinâmicas constitutivas e graus de eficiência são de extrema pertinência sociológica. Por fim, essa é também uma situação crucial do ponto de vista sociológico, pois é no momento de procura que o indivíduo assume publicamente a condição de desempregado, incorporando, de fato, tal classificação social e desempenhando um determinado papel, que corresponde a um conjunto socialmente construído de expectativas de comportamento, ou seja, uma conduta social.

Pode-se dizer, por tudo isso, que, nos estudos sobre desemprego, é inescapável abordar, ainda que tangencialmente, a busca de ocupação. Entretanto, na maioria das análises produzidas pela sociologia do trabalho ela não é tomada como um objeto em si.



Há, no entanto, um esforço que vai no sentido contrário a esse, alguns estudos passaram do desemprego à procura de trabalho. É importante destacar, no âmbito da literatura internacional, o clássico estudo de Granovetter (1974) acima citado e, para o caso brasileiro, as recentes pesquisas de Guimarães (2006-a, 2006-b, 2007, 2007-a, 2007-b, 2007-c, 2007-d e Guimarães e Melo, 2008). Na esteira desse movimento, localiza-se o interesse dessa pesquisa.

Retomando o argumento do texto, seria pertinente tomar a procura de trabalho como um objeto de pesquisa e tratá-la como uma experiência social. Essa perspectiva da “experiência de procura” poderia ser bem desenvolvida através do recorte empírico das “situações de procura”. E, para tanto, foi escolhido um caso de situação de procura territorializada, um importante espaço de procura da metrópole paulista: o cluster de intermediação de mão-de-obra do Centro da cidade de São Paulo, concentrado na Rua Barão de Itapetininga e adjacências, conhecido também, pelos próprios frequentadores do lugar, como “rua dos desempregados” ou “rua do desemprego”.

A Rua Barão de Itapetininga fica no chamado Centro Novo e tem 330 metros de extensão por 20 metros de largura. É um largo calçadão formado por três quarteirões. Conta com aproximadamente 28 edifícios (de 8 a 14 andares), 400 lojas e seis galerias. Ela é cortada por várias transversais: Avenida Ipiranga, Rua Dom José de Barros, Rua Marconi e Conselheiro Crispiniano e acaba na Praça Ramos. As ruas Vinte e Quatro de Maio e Sete de Abril são paralelas à rua Barão de Itapetininga e juntamente com ela e com as transversais citadas formam o que aqui é denominado “território da procura de trabalho”. Inúmeras agências de emprego estão instaladas nessas adjacências: desde a mais importante empresa brasileira do mercado de intermediação de mão-de-obra, até agências extremamente pequenas e precárias. Só na Rua Barão de Itapetininga existem quase 30 agências de emprego. Se computarmos as agências sediadas nas ruas de seu entorno esse número chega a mais de 60 agências. Os prédios e galerias que sediam as agências de emprego, tornam-nas quase invisíveis – não fosse pelo imenso número de panfleteiros e plaqueiros<sup>6</sup> que representam, na rua, a “cara” desses estabelecimentos – e, ao fazê-lo, imprimem uma dinâmica específica à procura de trabalho naquele espaço, dando ao personagem do plaqueiro um papel fundamental no funcionamento desse mercado. A estratégia do uso maciço desses trabalhadores só é possível porque essa rua é uma via exclusiva de pedestres desde os anos de 1970. De segunda a sexta, no horário comercial, esse espaço é

---

<sup>6</sup> Para mais detalhes sobre o trabalho do plaqueiro ou “homem-placa” ver VIEIRA (2007)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

completamente tomado por pessoas à procura de trabalho, em sua grande maioria, jovens de classe baixa ou média baixa e com escolaridade média.

Ali foi realizado um trabalho de campo qualitativo, de inspiração etnográfica, conduzido entre 2005 e 2009. Entrevistas em profundidade e observações sistemáticas foram as técnicas de pesquisa utilizadas. Demandantes de trabalho em procura, funcionários das agências de emprego da região, plaqueiros e todos os tipos de atores envolvidos nesse processo foram considerados importantes e, portanto, incorporados à investigação. Até mesmo o espaço foi considerado elemento analítico dessa situação social. A investigação se apoiou no aparato teórico e metodológico do interacionismo simbólico, especialmente nos autores George Mead (1952), Herbert Blumer (1969), Erving Goffman (1963, 1964, 1982, 1983, 1983-b, 1988, 1986, 2003) e Anselm Strauss (1979, 1988, 1999).

### **3. Alguns achados empíricos: os processos micro-sociológicos do processo de procura**

O que se buscou mostrar ao longo deste trabalho foi que a procura configura uma experiência social em si mesma. Uma experiência na qual são engendrados processos sociais peculiares e que configura um universo simbólico próprio. Ainda que o objetivo da procura de trabalho seja a obtenção de uma nova ocupação ou a re-inserção no mercado de trabalho, a vivência da procura está pautada por códigos, práticas, condutas e significados que provêm da esfera do trabalho, mas ela é igualmente tributária de outros códigos, práticas, condutas e significados que não necessariamente se desenvolvem nesta esfera, mesmo que possam revelar muito sobre ela. Esses elementos sociais que regem a prática cotidiana da procura ajudam a compreender o processo de convergência entre uma vaga de trabalho e um candidato, ou seja, o resultado final do encontro entre ofertantes e demandantes de emprego, que é o processo mais fundamental do mercado de trabalho.

Estudando a procura tal como vivida numa situação específica foi possível tornar visíveis e compreender melhor os processos micro-sociológicos que constituem essa experiência, assim como desvelar ao menos alguns dos constrangimentos, significados e sentimentos que a compõem, enquanto fenômeno que contempla uma dimensão do vivido que lhe é essencial. Portanto, aqui busca-se destacar, ainda que rapidamente, esse eixo de achados e questões que o estudo de caso permitiu apontar sobre a experiência da procura: seus processos micro-sociológicos.



Uma das especificidades da situação de procura escolhida, é que este espaço concentra principalmente informações sobre vagas de trabalho de má qualidade e atrai especialmente demandantes jovens e pobres, os quais, diante da escassez de informações ocupacionais, se lançam numa procura pouco seletiva e urgente. Produzimos e apresentamos ao longo deste trabalho, uma análise sobre a procura que é, ela mesma (não apenas a procura, mas a nossa própria análise) contextualizada, pois tem que levar em conta as características das instituições e dos atores que caracterizam a situação escolhida.

Analisando a dinâmica da situação e a atuação dos atores foi possível apreender alguns dos processos micro-sociológicos que engendram a procura e que estão na base da convergência entre uma vaga de trabalho disponível no mercado e um candidato que a ela se apresenta. Aqui ressaltamos alguns desses aspectos, principalmente aqueles com maior potencial para alterar o curso desse processo de convergência.

A abordagem micro-sociológica do caso estudado permite apontar primeiro, que os demandantes de trabalho têm que desenvolver uma *performance* própria, a qual é composta por certas práticas e códigos. Essa forma de atuação típica se dá através de ações, gestos e discursos e constitui a “conduta do demandante do trabalho”. Ela será julgada e avaliada no processo de procura tanto pelos funcionários das agências, sejam eles as recepcionistas, os selecionadores ou até os plaqueiros, quanto pelos seus concorrentes, ou seja, os outros demandantes. Assim, essa performance é constituída em interação com os outros atores da situação e dentro de uma dinâmica de interações relativamente articuladas e organizadas, onde demandantes e funcionários do mercado de intermediação sabem (e, simultaneamente, aprendem) qual papel devem desempenhar. A procura de trabalho é, nesse sentido, um processo interativo.

Na análise das situações sociais, e seguindo a pista do interacionismo simbólico, ressalta-se a importância dos atores e seu poder de agência, manipulação, negociação e re-interpretação do léxico social, articulando-se a isso a força de condicionantes sociais e culturais que engendram comportamentos institucionalizados ou generalizados. Essa articulação, que pode ser imprecisa, se expressa na vida mais cotidiana dos indivíduos organizando-a, pois a vida social composta por diferentes situações sociais não é um caos, mas um quebra-cabeça ditado por uma ordem social que em Goffman é anunciada como sendo uma “ordem interativa” e em Strauss é referida como uma “ordem negociada”. Esse tipo de ordem social é construído também pelos atores, e nisso reside a especificidade de tal abordagem teórica, que é aqui tomada de empréstimo e que permite entender aquela situação de procura, recuperando-a enquanto uma dinâmica organizada de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

interações entre demandantes e funcionários do mercado de intermediação ou de serviços correlatos à procura.

O processo de convergência entre vagas de trabalho ofertadas e candidatos é, do ponto de vista da micro-sociologia, composto por uma série de interações e cada uma delas é delineada por regras implícitas e por técnicas interativas diferentes. Dentro desse processo, o objetivo do demandante é a obtenção de um trabalho (o melhor trabalho possível do seu ponto de vista) e o preenchimento de uma dessas vagas que estão em jogo no mercado. Para tanto, ele tem um longo percurso interativo a fazer e, nele, lhe cabe construir uma *performance* convincente.

No caso do demandante, a manipulação das informações que constroem sua imagem, ou seja, sua conduta, é especialmente importante, pois determina sua relação com os outros atores, mas pode também determinar seu sucesso ou fracasso na obtenção de trabalho, retomando o argumento de Goffman. Porém, essa conduta, ao mesmo tempo em que é constituída de um conjunto de códigos, é também flexível e permite negociações e re-interpretações por parte dos atores sociais, assim como a manipulação de informações, no qual se esconde aquelas que podem ser negativas e ressalta as que podem ser positivas. Da necessidade de desempenhar um conjunto esperado de práticas e da possibilidade de re-interpretá-las advém toda a preocupação do demandante com o vestuário, com a aparência, com a confecção do currículo e o desejo de entender, de fato, o que é que se espera de um bom candidato, para, a partir do entendimento dessa expectativa social, poder dominar esses códigos e bem representar seu personagem - ou a atitude social generalizada, nos termos de Mead, ou as condutas socialmente institucionalizadas, nos termos de Goffman. Para manipular positivamente suas informações, o demandante de trabalho tem que saber qual é a *performance* esperada do “bom candidato”, o que eles nem sempre sabem e por isso encontram dificuldades no seu processo de busca.

Mas, além de um processo interativo, a procura de trabalho é um processo de julgamento e avaliação. A interação entre demandantes e funcionários das agências é completamente pautada pelo julgamento dos primeiros pelos segundos, o que configura uma interação regida pela diferença e desequilíbrio dos papéis sociais. Esse julgamento se dá a partir de critérios que os selecionadores elegem como legítimos e que, os demandantes podem desconhecer. Alguns desses critérios que direcionam a expectativa que o mercado de intermediação tem em relação aos demandantes são independentes dos pré-requisitos específicos a cada tipo de vaga: boa apresentação de si (tanto através do currículo quanto da aparência física), boa capacidade de expressão oral, domínio da língua, capacidade de elaborar opiniões e construir argumentações,



além de juízos fortemente subjetivos e de difícil aferição comparativa numa situação de concorrência como “força de vontade”, “vontade de vencer”, “garra”, “determinação”, “pró-atividade”, “comprometimento”, “responsabilidade”, “segurança”, “confiança”, “iniciativa”, “liderança”.

Mas, quando não há partilha das regras e dos códigos que formam a base do léxico social de uma dinâmica de interação e dos critérios de julgamento, podem haver conflitos ou frustração de expectativas. No caso da procura de trabalho, quando o demandante não sabe o que os representantes do mercado de intermediação esperam dele ou quando não consegue encenar adequadamente essa conduta o que se frustra é a expectativa de obtenção de trabalho. Para o sucesso na procura não basta ao demandante preencher os pré-requisitos do mercado de trabalho como qualificação e experiência profissional, é preciso ter acesso às informações ocupacionais, que são escassas, há que dominar o conjunto de códigos e as práticas da procura, que é complexo e subjetivo, e é imperioso cumprir as expectativas dos outros atores econômicos em relação a ele.

Essa incompreensão das expectativas ou a falta de domínio dos códigos da conduta do demandante é apontada pelos selecionadores como o principal problema dos processos de seleção e recrutamento; mais ainda, eles sugerem que essa é uma característica do perfil dos demandantes que acorrem àquele espaço de procura, geralmente jovens e provenientes de classes pobres, ainda que possam ter escolaridade média ou até superior. Como foi possível identificar nos relatos há realmente muitas incompreensões, por parte desses demandantes, a respeito do que se espera deles na busca, e como isso pode ser fator de insucesso nessa empreitada, gera-se ansiedade, insegurança e medo, sentimentos frequentemente associados à vivência dessa atividade.

Porém, outro dos achados da pesquisa é que, diante de tais incompreensões e falta de domínio dos códigos, pode haver, e muitas vezes há, uma busca ativa de informações a esse respeito. Motivados por interesse e curiosidade, os demandantes fazem desse um assunto privilegiado nas esferas da família e, principalmente das amigas, e podem investir em uma pesquisa sobre esse tema em internet, pesquisas e livros. Busca-se “aprender” aquilo não foi socialmente incorporado. Isso porque a conduta do demandante de trabalho não é, como outros papéis sociais podem ser, socialmente incorporada ao longo da trajetória dos indivíduos. Como ressaltamos, não é na esfera do trabalho nem nas instituições de ensino que esses códigos são formalmente transmitidos. Esse conjunto de regras e práticas é apreendido em múltiplas dimensões da vida social do demandante, como família, amigos e meios de comunicação, mas



também pode ser incorporado, a partir de observações, no próprio processo de procura e, como acontece na situação investigada, virar alvo de serviços mercantis, como a elaboração de currículo, por exemplo. Portanto, pode-se apontar que as condutas sociais são situadas e construídas no curso das interações, mas também são articuladas às outras situações sociais e a outras dimensões sociais da vida dos demandantes. E o bom desempenho dessa conduta é fundamental no processo econômico de concorrência pelas vagas disponíveis no mercado de trabalho.

Além das interações com selecionadores e recepcionistas das agências, há uma outra interação, típica daquela situação de procura, e que se revelou capaz de interferir no curso do processo de procura, com potencialidade para, inclusive, determinar seu resultado final. Trata-se da interação entre plaqueiros e demandantes. Na rua, os demandantes podem, durante o processo de interação, fazer negociações com os plaqueiros persuadindo-os a recolher um currículo que, a princípio, não preencheria todos os requisitos da vaga. Nesse processo simples, um demandante que estaria fora da concorrência por uma vaga, insere seu currículo nessa competição a partir de uma negociação com o plaqueiro, e passa a ter chances de ser selecionado. A situação de procura de trabalho, tomada como unidade analítica, também pode configurar um contexto de negociação no qual vagas de trabalho e adequação de demandantes a essas vagas são negociadas, entre outros elementos. Mas, esses personagens não só divulgam vagas e recebem currículos, mas também podem ser agentes ativos de captação de demandantes através de sua rede pessoal de contatos e de sua clientela. Através dessa relação diferenciada, um demandante pode ter acesso privilegiado a informações sobre postos de trabalho, o que é fundamental dada a grande dificuldade com que circulam tais informações. A partir da análise das relações entre demandantes e funcionários das agências (recepcionistas, selecionadores e plaqueiros), é possível afirmar que as diversas interações sociais, pela forma como transcorrem, ou seja pelo modo como são socialmente negociadas nos micro-contatos, podem igualmente determinar o curso do processo de convergência entre uma vaga e um candidato, mesmo quando tal processo se dá no bojo de instituições de intermediação.

No que diz respeito à natureza das relações entre os próprios demandantes de trabalho no seio do processo de procura, elas podem ser tanto de cooperação e cumplicidade quanto de competição e concorrência. No primeiro caso, pode haver troca de experiências e informações sobre oportunidades ocupacionais e esse tipo de interação pode vir a produzir, inclusive, o conhecimento de alguma possibilidade de obtenção de trabalho que eventualmente se concretize.



Esse tipo de interação se dá principalmente na rua e no momento da distribuição de currículos, quando, a princípio, os demandantes não competem pelas mesmas vagas. Porém, durante um processo seletivo a interação entre candidatos à mesma vaga é pautada pela concorrência e pela necessidade de que um candidato se sobressaia frente aos demais. Nesse caso, quanto menos informações um candidato partilhar com seu concorrente, melhor, pois o que rege essa interação é a competição econômica. Nas interações entre candidatos nas dinâmicas de grupo, por exemplo, é fundamental que eles demonstrem suas qualidades, evidenciando as fragilidades dos concorrentes. Ou seja, as interações entre os próprios demandantes, cúmplices da mesma condição ou concorrentes econômicos, podem contribuir para o resultado final do processo de procura, positiva ou negativamente.

Quanto aos processos micro-sociológicos que dão base à vivência do processo de procura de trabalho é importante ressaltar o papel do espaço como variável que influencia na dinâmica das interações e que dá novas dimensões e significados à experiência da procura. A atividade da procura de trabalho pode ser, e muitas vezes é, espacialmente pautada. Isso não quer dizer simplesmente que a procura de trabalho se realiza num determinado espaço, mas que, na situação investigada, ela é diretamente influenciada pelo espaço em que se realiza. O território de procura de trabalho é, portanto, o que dá a base espacial para a encenação da situação de procura, determinando a sua dinâmica micro-sociológica de interações. Esse território é configurado pelos usos sociais do espaço pelos diversos atores que nele atuam. Ademais, ele é fluído, não é fixo e concretamente delimitado, abrigando e criando as condições de possibilidade para um conjunto de práticas e condutas razoavelmente articuladas e organizadas em torno da atividade da procura de trabalho.

Porém, o espaço é especialmente importante na experiência da procura de trabalho por mais algumas razões. Primeiro, pois se constituindo numa atividade, e não num estado, tal como o desemprego, a procura de trabalho é circunscrita num tempo e num espaço. E o espaço é, ainda mais importante à medida que se sabe que o mercado de intermediação de mão de obra é uma construção territorializada (Guimarães, 2007-c, 2007-d). Então, a procura de trabalho em agências de emprego na metrópole paulista é uma atividade circunscrita em determinados espaços do tecido urbano. Além disso, o próprio trabalho de campo pode comprovar que a procura de trabalho no Centro da cidade é, não só uma experiência de natureza econômica, mas é também uma experiência urbana, uma experiência de deslocamento e de localização simbólica na cidade.



Esses processos micro-sociológicos de interações e construção de condutas sociais regem a dinâmica da procura e, como apontamos, são determinantes dela e do resultado final da busca. Isso reforça a idéia de que o processo de convergência entre uma vaga e um trabalhador é também um processo de natureza micro-sociológica. A procura de trabalho é uma atividade que se desenvolve no bojo da esfera da economia, mas, como todo processo econômico, é permeado por relações e constrangimentos sociais. Isso também é verdadeiro para a procura de trabalho através das instituições de intermediação, como acreditamos haver demonstrado. Para que, ao final, haja convergência entre um posto de trabalho e um candidato é necessário que os atores econômicos passem por um longo caminho de interações, negociações, manipulação de informações, partilha de expectativas e julgamentos, como a análise permitiu desvelar. A observação da prática da procura permitiu identificar que nessa dinâmica cada ator econômico tem uma função e um conjunto de práticas a ela relacionadas. Ainda mais, é possível reiterar que a operacionalização prática dessa convergência se dá através de inúmeros processos micro-sociológicos e deles depende, inclusive, o seu resultado final.

O processo econômico de procura de trabalho em instituições de intermediação é, se abordado por uma lente micro-sociológica, também um processo interativo, um processo de construção de condutas, um processo de julgamento, um processo de concorrência, um processo de negociação, um processo de aprendizagem de códigos, um processo de troca de informações ocupacionais e um processo de deslocamento e localização simbólica na cidade.

A observação de um *cluster* de intermediação de mão-de-obra, como aquele que se localiza no Centro de São Paulo, sugere, assim, que a procura de trabalho, portanto, não é um empreendimento simples, como poderia parecer a princípio. As análises qualitativas das situações de procura deixam entrever o longo caminho que por vezes tem que ser percorrido para o desempenho da atividade da procura de trabalho e para qualificar-se como um bom demandante de emprego, ou seja, alguém apto a concorrer por uma vaga no mercado de trabalho e merecer essa vaga. Não tem nada de trivial ou natural nesse processo, como em nenhum outro processo econômico e social. Não basta estar desempregado, ou à procura de trabalho, para “naturalmente” ser considerado habilitado a ocupar uma vaga. Há um processo de legitimação do indivíduo enquanto demandante de trabalho; o curso deste complexo processo se dá exatamente durante a procura de trabalho. (Guimarães, 2007-b; Tartuce, 2007, 2007-b). Há um conjunto de códigos e práticas que regem o desempenho da atividade de procura de trabalho, assim como



uma série de relações sociais e interações que são estabelecidas ao longo dessa atividade e delas pode depender, inclusive, o sucesso e eficiência da procura.

#### 4. Bibliografia

- AMADEO E. J. e DUTT, A. (1994) *A teoria econômica do desemprego*. São Paulo. Hucitec.
- ANTUNES, Ricardo (1999) *Os sentidos do trabalho*. São Paulo. Boitempo Editorial, 6ª edição.
- BALTAR, P. E., PRONI, M. W. (1996) “Sobre o regime de trabalho no Brasil: rotatividade da mão-de-obra, emprego formal e estrutura salarial”. In: OLIVEIRA, C. A.; MATTOSO, J. (Orgs.) *Crise e trabalho no Brasil*. São Paulo, Scritta, pp. 109-149.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas e MORETTO, Amilton (1998). *Políticas de Emprego e proteção Social*. In: DEDECCA, C. (Org.) Coleção ABET – Mercado de trabalho, v.1. São Paulo. Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET.
- BLUMER, Herbert (1969). *Symbolic Interacionism. Perspective and method*, New Jersey. Prentice Hall.
- BORGES, Ângela. (2006) “Impactos do desemprego e da precarização sobre famílias metropolitanas”. *Revista brasileira de estudos populacionais*. São Paulo, v. 23, n. 2, 2006, pp. 205-222.
- CACCIAMALI, Maria Cristina (2005). “As políticas ativas de mercado de trabalho no Mercosul. Tipos, sínteses de estudos de avaliação e reorientação”. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, vol. 19, no 55. pp. 85-104.
- CASTEL, Robert. (2005) *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis. Editora Vozes.
- DEDECCA, Claudio Salvadori. (1996) “Racionalização econômica e heterogeneidade nas relações e nos mercados de trabalho no capitalismo avançado”. In: OLIVEIRA, C. A.; DEMAZIÈRE, Didier (1995), *La sociologie du chômage*, Paris, Edition La Decouverte.
- \_\_\_\_\_ (2003) *Le Chomage : Comment peut-être chomeur ?*, Paris, Belin.
- \_\_\_\_\_ (2006) “Uma abordagem sociológica sobre a categoria do desemprego” In: GUIMARÃES, N., HIRATA, H. (Org). *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações*. São Paulo. Editora Senac, SP. pp. 25-42.
- DEMAZIÈRE, Didier, GUIMARÃES, Nadya A., SUGITA, Kurumi. (2006) Unemployment as a biographical experience. In: KASE, K., SUGITA, K. (Orgs.) *The Unemployed and Unemployment in an International Perspective: Comparative Studies of Japan, France and Brasil*, Tokyo, The University of Tokyo Institute of Social Sciences, ch. 4, pp. 68-148.
- FREYSSINET, Jacques. (1984), *Le chômage*, Paris, La Découverte.
- GOFFMAN, Erving (1961) *Encounters: two studies in the sociology of interaction*. Bobbs-Merril Company Inc, Indiana.
- \_\_\_\_\_ (1963). *Behavior in public places. Notes on the social organization of gatherings*. Free Press. New York.
- \_\_\_\_\_ (1964) “The neglected situation”. *American Anthropologist*, New Series, Vol. 66, part 3: the ethnography of communication, pp 133-136.
- \_\_\_\_\_ (1982). *Interaction ritual*. Pantheon Books, New York.
- \_\_\_\_\_ (1983). *A representação do eu na vida cotidiana*, Editora Vozes, Petrópolis.
- \_\_\_\_\_ (1983-b) “The interaction order. American sociological Association, 1982 Presidential Adress.” *American Sociological Review*, Vol. 48, nº1, pp. 1-7.
- \_\_\_\_\_ (1988). *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara.
- \_\_\_\_\_ (1986). *Frame Analysis*. Boston. Northeastern University Press
- \_\_\_\_\_ (2003). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo. Perspectiva.



GRANOVETTER, Mark. (1973). “The strength of weak ties”. *American Journal of Sociology*, Vol. 78, n. 6, pp.1361-1380.

\_\_\_\_\_ (1974). *Getting a job – a study on contacts and careers*. Cambridge, Harvard University Press.

GUIMARÃES, Nadya Araujo (2002) “Por uma sociologia do desemprego: contextos sociais, construções normativas e experiências subjetivas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, São Paulo, pp. 103-122.

\_\_\_\_\_ (2004) *Caminhos Cruzados – Estratégias de Empresas e Trajetórias de Trabalhadores*, São Paulo, Editora 34 e Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

\_\_\_\_\_ (2006-a) “Flexibilizando o flexível: formas do trabalho sob o prisma do mercado de intermediação”. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional Novas formas do trabalho e do desemprego. Japão, França e Brasil numa perspectiva comparada* realizado na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2006-b) Novas formas, novas medidas?: desemprego, trajetórias ocupacionais e experiências na produção de informações. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 20, n. 4, p. 103-126, out./dez. 2006. Disponível em:<http://www.seade.gov.br>; <http://www.scielo.br>.

\_\_\_\_\_ (2007-a) *À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada*, Relatório de Pesquisa disponível no site: [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br)

\_\_\_\_\_ (2007-b) “À Procura de Trabalho: Desempregado, demandante de trabalho, candidato” In: GUIMARÃES, N. *À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada*, Relatório de Pesquisa. pp. 252-281. Disponível no site: [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br)

\_\_\_\_\_ (2007-c) “O sistema de intermediação de empregos. Um outro olhar sobre o mercado de trabalho da região metropolitana de São Paulo”. In: GUIMARÃES, N. *À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada*, Relatório de Pesquisa. pp. 10-79. Disponível no site: [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br)

\_\_\_\_\_ (2007-d) “Empresariando o trabalho: os agentes econômicos da intermediação de empregos, esses ilustres desconhecidos” In: GUIMARÃES, N. *À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada*, Relatório de Pesquisa. pp. 80-112. Disponível no site: [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br)

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; MONTAGNER, Paula; SUGITA, Kurumi (2004) “Desemprego – mercados, instituições e percepções: Brasil e Japão numa perspectiva comparada”, *Tempo Social*, v.16, nº 2, São Paulo, pp. 257-287.

GUIMARÃES, Nadya & MELO, Frederico (2008) “Quem recorre às instituições do mercado para encontrar trabalho?”. Comunicação *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Caxambu, mimeo.

KEYNES, Jonh. (1936) *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*. São Paulo. Abril Cultural, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1978.

LAZARSFELD, Paul; YAHODA, Marie; ZEIZEL, Hans (1981). *Les Chômeurs de Marienthal*. Paris. Ed. De Minuit.

LEDROUT, R. (1966), *Sociologie du chômage*, Paris, PUF

MANKIW, N. Gregory (1995). *Macroeconomia*. São Paulo LTC Editora.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

MARUANI, Margaret & REYNAUD, Emmanuèle. (1993), *Sociologie de l'emploi*. Paris, Éditions La Découverte (Collection Repères, n. 132).

MEAD, George H. (1952) *Mind, Self and Society*. Chicago. The University of Chicago Press.

OFFE, Claus (1989). “Trabalho: uma categoria-chave da sociologia?” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 4, n. 10, junho de 1989, pp. 5-20

RODRIK, Dani. (1997) *Has globalization gone too far?*. Washington, DC. Institute for international Economics.

SENNETT, Richard. (2003) *A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record.

SINGER, Paul (2000) *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo. Contexto.

STRAUSS, Anselm (1979) Social words and spatial processes: an analytic perspective. Department of Social and Behavioral Sciences. University of California, San Francisco. Disponível em: <http://www.ucfs.edu/ansemstrauss>

\_\_\_\_\_ (1988) *Negotiations: Varieties, Contexts, processes and Social Order*. Califórnia. Jossey Bass Publishers.

\_\_\_\_\_ (1999) *Espelhos e máscaras. A busca da identidade*. São Paulo. Edusp.

VIEIRA, Priscila (2007) “O homem e a placa ou a placa e o homem: os homens-placa e a procura de trabalho no Centro”. In: GUIMARÃES, N. *À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada*, Relatório de Pesquisa, pp. 229-250. Disponível no site: [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br) .

\_\_\_\_\_ (2009) A experiência da procura de trabalho. Um estudo de caso. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.